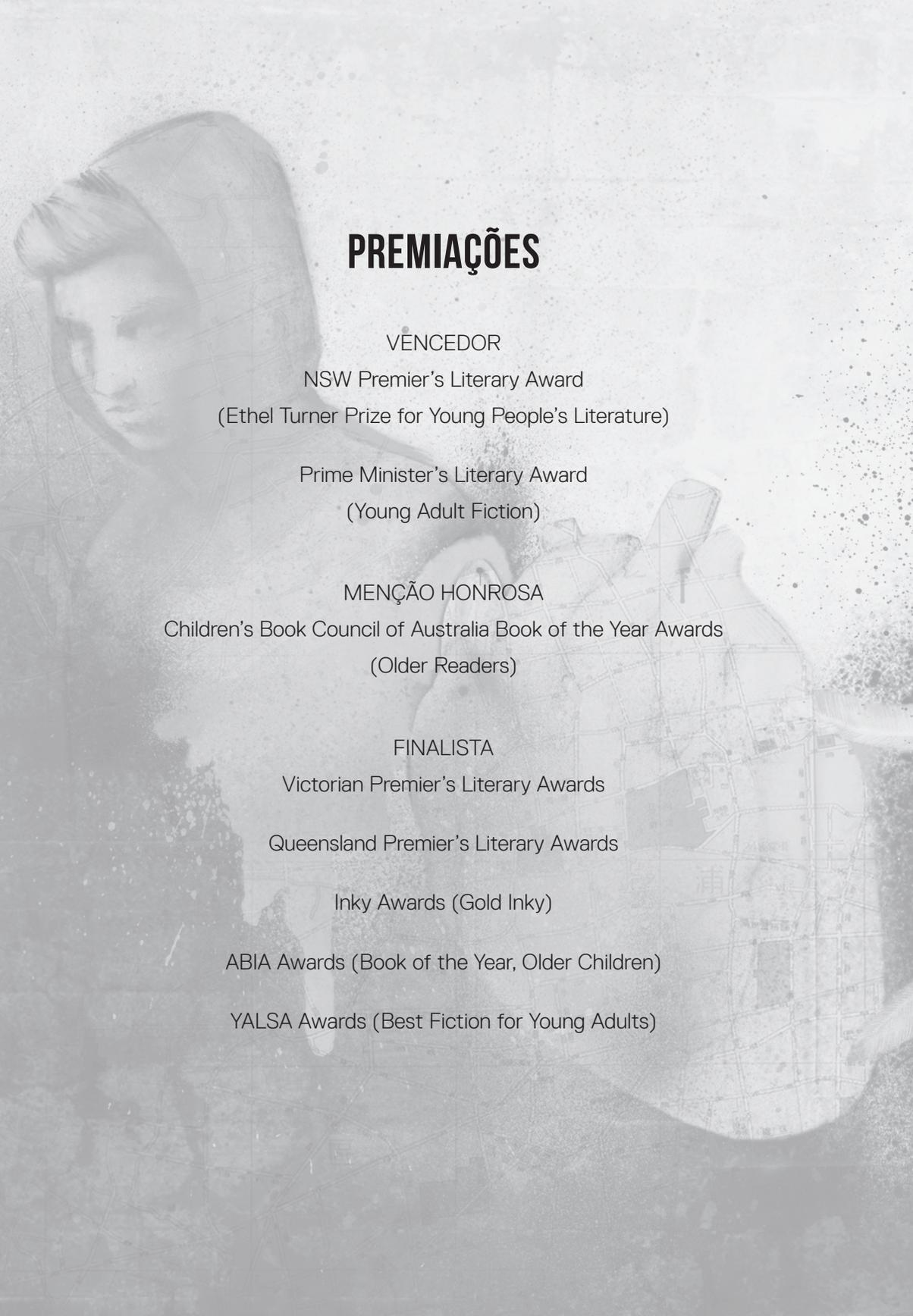


GRAFFITI MOON

UM ARTISTA, UMA SONHADORA,
UMA NOITE, UM SIGNIFICADO.
O QUE MAIS IMPORTA?

CATH CROWLEY

valentina 



PREMIAÇÕES

VENCEDOR

NSW Premier's Literary Award
(Ethel Turner Prize for Young People's Literature)

Prime Minister's Literary Award
(Young Adult Fiction)

MENÇÃO HONROSA

Children's Book Council of Australia Book of the Year Awards
(Older Readers)

FINALISTA

Victorian Premier's Literary Awards

Queensland Premier's Literary Awards

Inky Awards (Gold Inky)

ABIA Awards (Book of the Year, Older Children)

YALSA Awards (Best Fiction for Young Adults)

GRAFFITI MOON

CATH CROWLEY

Tradução
Marina Slade


valentina

Rio de Janeiro, 2014

1ª Edição

Copyright © 2010 by Cath Crowley

TÍTULO ORIGINAL
Graffiti Moon

CAPA
Dominique Kronemberger

FOTO DA AUTORA
Elizabeth Abbott

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2014

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Bibliotecária: Fernanda Pinheiro de S. Landin CRB-7: 6304

C953g

Crowley, Cath

Graffiti Moon / Cath Crowley; tradução de Marina Slade. – 1. ed. –
Rio de Janeiro: Valentina, 2014.

240p. ; 23 cm

Tradução de: *Graffiti moon*
ISBN 978-85-65859-22-6

1. Artistas – Ficção. 2. Relações humanas – Ficção. 3. Austrália – Ficção. 4. Literatura infantojuvenil australiana. I. Slade, Marina. II. Título.

CDD: 028.5

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

PARA TERESA E TODOS NA SALA,
E PARA ESTHER,
QUE O LEU PRIMEIRO.



Pedalo depressa. Descendo a avenida Rose, onde casas nadam nas piscinas de luz laranja dos postes. Onde pessoas sentam nas varandas para tomar um ar. Tenho que chegar a tempo. Por favor, tenho que chegar a tempo.

Acabei de entrar no estúdio. Os caras do grafite Sombra e Poeta estão aqui, dizia o torpedeiro do Al, e eu despenquei noite adentro. Despenquei sob um céu que sangrava e escurecia. Deixei meu pai sentado fora do galpão, gritando:

— Pensei que você só ia encontrar a Jazz mais tarde. Onde é o incêndio, Lucy Dervish?

Em mim. Por dentro, estou pegando fogo.

Tenho que chegar a tempo. Tenho que encontrar o Sombra. O Poeta também, mas o Sombra principalmente. O cara que pinta no escuro. Pinta pássaros presos em muros de tijolos, pessoas perdidas em florestas fantasmas. Caras com corações feitos de grama e garotas empurrando cortadores de grama. Por um artista que pinta essas coisas, eu poderia me apaixonar. Completamente.

Quero tanto conhecer o Sombra. E falta tão pouco. Minha mãe diz que, quando o querer vai de encontro ao poder... é chegada a hora

da verdade. Quero me chocar com o Sombra. Deixar que a força desse impacto espalhe nossos pensamentos, para que um capture o pensamento do outro e o devolva como um punhado de pedrinhas brilhantes.

Do alto da rua Singer, vejo a cidade, um neon azul crescente. Um relâmpago distante abre caminho com seu calor até a superfície. Alguém ri ao longe. Há uma pintura do Sombra num muro em ruínas, um coração despedaçado por um terremoto, com as palavras *Além da escala Richter* escritas abaixo. Não é um coração como os que a gente vê nos cartões de dia dos namorados. É um coração como ele realmente é: veias finas, átrios e artérias. Uma floresta dentro do peito, do tamanho de um punho.

Solto as mãos do freio e me deixo levar. As árvores e as cercas se confundem, e o concreto podia ser o céu, e o céu podia ser o concreto, e as fábricas se espalham diante de mim como um sonho iluminado por luzes dispersas.

Viro uma esquina e saio pela rua do Al. Vou em direção ao estúdio dele, em direção a ele, sentado nos degraus, pequenas mariposas sobrevoam, brincando na luz. Em direção a uma sombra ao longe. A sombra do Sombra. O momento do impacto está chegando.

Pedalo a última reta e deslizo até parar.

— Cheguei. Consegui. Estou bem? Como estou?

Al termina o café e coloca a xícara ao seu lado no degrau.

— Como uma garota que perdeu os caras por cinco minutinhos.



A noite está quente demais para outubro. Há mais gente na rua que de costume, então eu pinto rápido o céu. Olho para trás e para a frente. Procuo policiais. Procuo qualquer pessoa que eu não queira aqui. Pinto veleiros e coisas que, na minha cabeça, provocam gritos do spray para o tijolo. Vejo isso, vejo isso, vejo mais isso. E me vejo esvaziado sobre a parede.

A primeira coisa que pinteí foi uma garota. A segunda coisa que pinteí foi uma porta num muro. Fui em frente e pinteí portas maiores. Passei para os céus. Céus abertos sobre as portas e os pássaros que se esgueiravam entre os tijolos, tentando voar. Passarinho, o que você está pensando? Você veio de uma lata de spray.

Hoje de noite estou fazendo este pássaro que ficou na minha cabeça o dia inteiro. Ele é pequeno e amarelo. Está deitado na grama verde e macia. Barriga apontando para as nuvens, pernas viradas na mesma direção. Ele pode estar dormindo. Pode estar morto. Esse é o amarelo certo. O verde também. É o céu que está totalmente errado. Preciso de um azul que dilacere por dentro. Não se vê um azul assim por aqui.

Bert sempre tentava encontrar esse azul para mim. Quase toda semana, ele me mostrava, na loja de tintas, um azul que havia encomendado a dedo.

— Perto, chefe — respondia eu. — Mas não o bastante.

Ele ainda não tinha conseguido achar o azul quando morreu, dois meses atrás. Conseguiu todas as outras cores que eu queria. O verde em que o pássaro está deitado é um tom que o Bert encontrou há mais de dois anos, quando eu abandonei a escola e fui trabalhar para ele. Fiquei na escola até o final de junho do primeiro ano* e depois não deu mais.

— Seu primeiro dia foi bom — disse Bert, ao me entregar o verde. — Bom mesmo.

— Muito foda — respondi, experimentando o spray num cartão e considerando aquilo um sinal de que largar a escola tinha sido a coisa certa a fazer. E de que a minha mãe estava errada por querer que eu continuasse.

— É, muito foda — Bert olhou por cima do ombro. — Mas não diga “foda” quando a Valerie, minha mulher, estiver por perto. — Bert falava palavrão feito uma criança com medo de ser apanhada. Eu ri disso até Val me pegar falando. Naquele dia, Bert riu por último.

— Qual é a graça? — pergunta uma voz atrás de mim.

— Porra, Leo. — Uma linha azul risca a grama no muro. — Não chega assim de repente.

— Estou chamando você desde lá do alto da ladeira. Esqueceu que o prefeito legalizou esse lugar? — Leo termina o último pedaço de um enroladinho de salsicha. — Prefiro a adrenalina de trabalhar onde podem pegar a gente.

— Eu prefiro a de pintar — respondo.

Ele me olha por um tempo.

— Então, liguei pro seu celular mais cedo. Está desligado.

* O sistema de ensino australiano funciona de maneira diferente do nosso. O ensino básico tem doze anos ao todo, entrando o aluno, em geral, aos seis anos de idade. Essa etapa da educação se subdivide em escola primária, até o ano sete, e escola secundária, a partir do ano oito. Frequentar as aulas é obrigatório apenas até o ano dez, pois os anos 11 e 12 são destinados à preparação para o ingresso nas universidades e dão ênfase à escolha que o aluno fará em sua graduação.

— É. Não paguei a conta. — Entrego o spray para ele. — Estou com fome. Manda as palavras aí você.

Leo olha o meu desenho, o céu amplo sobre o pássaro amarelo. Ele aponta o garoto no muro:

— Show.

Enquanto ele pensa um pouco mais, eu olho em volta. O coroa que trabalha no estúdio de vidro do outro lado da rua está na escada, digitando no celular e olhando a gente. Pelo menos eu sei que ele não está chamando a polícia.

Leo sempre escreve alguma coisa que tenha a ver com o desenho. Às vezes, usa fontes que encontra na internet. Outras, ele cria e dá nome. Hoje ele joga nas nuvens, num esfumado, a palavra *Paz*, com letras sombreadas e onduladas. Engraçado como dois caras podem olhar para o mesmo grafite e ver coisas diferentes. Eu não vejo paz quando olho para esse pássaro. Vejo o meu futuro. Espero que ele só esteja dormindo.

A mão do Leo se movimenta sobre o muro, assinando os nossos nomes. Ele sempre os escreve do mesmo jeito. Primeiro o dele, depois o meu, numa fonte que ele chama de Fantasma.

Poeta.

Sombra.

Deixamos o coroa tomando café na escada e subimos a rua Vine. São quinze minutos andando até a minha casa indo pelas ruas principais, mas o Leo e eu nunca vamos. Pegamos as ruas transversais, os becos e as vielas.

Moro do outro lado do pátio dos trens, então pulamos a cerca e cortamos por dentro, de olho nos trabalhadores enquanto caminhamos. Gosto de vê-los lançando seus pensamentos contra os vagões. Torna a cidade tão nossa quanto de qualquer pessoa.

— Então, vi a Beth hoje — diz Leo. — Ela perguntou como você vai. — Ele atira pedras nos vagões desativados. — Acho que quer voltar contigo.

Paro, pego o spray e pinto um coração como o das cartas de amor, mas com uma arma apontada para ele.

— Nós terminamos há quase três meses. — Desde 1º de agosto, não que eu esteja contando.

— Você se importa, então, se eu chamar ela pra sair?

— Você se importa se eu pichar a casa da sua avó?

Ele ri.

— Peraí. Vocês terminaram.

— Eu acho ela legal, nada além disso. Ela às vezes se debruçava em mim e me beijava e então parava um pouco, sussurrava uns negócios engraçados no meu ouvido e depois me beijava de novo. E eu gritava: “O que tem de errado com você, cara? Se apaixonou por ela, seu otário!”.

— Ela não achava esquisito?

— Por dentro. Eu gritava por dentro. Mas, enfim, eu nunca me apaixonei por ela, então imagino que o mecanismo cerebral que controla o amor não responde quando é chamado de otário.

— Para o seu próprio bem, espero que nenhum mecanismo do seu cérebro responda quando for chamado de otário.

— Pode crer. — Fico arrependido de ter me lembrado da Beth fazendo aquilo, porque a sinto junto ao meu ouvido agora, a respiração quente e doce fazendo cócegas, e o som da sua voz parecendo aquele azul que eu tanto procuro.

— Você não estava apaixonado pela Emma? — pergunto.

— Eu estava completamente obcecado — responde Leo, sem pestanejar. — Não apaixonado.

— Qual é a diferença?

Ele quase joga uma pedra numa das lâmpadas do pátio, mas para.

— Prisão — diz, e guarda a pedra no bolso.

Emma terminou com ele no final do segundo ano do ensino médio. Eu não estava mais na escola, só fiquei sabendo disso quando Leo entrou na loja gritando que precisava que eu grafitasse a lateral da casa da Emma.

— Ela não sabe que eu sou o Poeta — falou. — Se souber, aí vai querer voltar.

Emma morava num bairro nobre da cidade, numa casa de três andares. Não tinha a mínima chance da gente pintar qualquer coisa ali e não se ferrar. A noite ia acabar mal, eu sabia, mas não houve jeito de fazer o Leo mudar de ideia, então eu disse que ia buscar as tintas e o encontraria lá às dez.

Quando eu estava saindo, Bert viu a minha mochila cheia de latas. Ele sabia que eu era o Sombra desde a minha primeira semana de trabalho. Sua regra era que eu pintasse muros que não pertencessem a ninguém. Na maior parte do tempo, era o que eu fazia.

— Cuidado — recomendou.

— “Quem não arrisca não petisca”, não é o que você sempre diz? — questionei.

Sua cara envelhecida e barbuda ficou me olhando:

— Não confunda coragem com burrice.

Ele tinha razão, mas mesmo assim eu pinteí o que o Leo queria: um cara com a palavra *amor* recortada do peito e uma garota perto dele segurando uma tesoura. Emma saiu e viu o grafite e ele se ajoelhou na frente do muro, um garoto ferido de amor implorando que ela voltasse.

Emma pegou o celular e chamou a polícia. Leo não queria fugir e eu não iria sem ele. Uns dez minutos depois, estávamos na caçamba de uma viatura, sendo levados para a delegacia.

— Sorte que não assinamos com os nossos nomes, hein? — Leo concluiu. — A gente ia se ferrar se ela contasse pra polícia que nós somos o Poeta e o Sombra.

— Nem fala — respondi, enquanto um bêbado na nossa frente gritava que ia matar geral quando o soltassem das algemas. — Ainda bem que você estava raciocinando hoje, senão a gente tava na pior.

Demos os nossos depoimentos, e o Leo contou tudo aos policiais: que tomou um pé na bunda e queria que a Emma voltasse para ele.

Eles devem ter achado que ela era muito fria, porque chamaram a minha mãe e a avó do Leo, e nos deixaram ir embora só com uma advertência e um acordo de que teríamos que limpar a sujeira que fizemos. Nunca vi a avó do Leo gritar tanto como na hora em que o arrastou para o carro. Desde então, ele tem que cortar grama para as amigas dela todo sábado.

Minha mãe estava calma quando me tiraram da cela. Ainda vestia o uniforme do supermercado, com um crachá que mostrava a todo mundo seu nome, Maddie, e que desejava a todos um ótimo dia. Eu sempre odiei aquele crachá. Parecia que pesava uns 500 quilos.

— Tá pê da vida comigo, né? — perguntei quando entramos no carro.

Ela girou a chave e um CD do Smashing Pumpkins voltou a bombar no som do carro.

— Pergunta respondida?

Depois de algum tempo dirigindo, ela abaixou o som.

— É isso que você e o Leo andam fazendo, agora que eu voltei a estudar e estou trabalhando à noite?

Se ela estivesse olhando para mim, e não para a estrada, eu teria contado a verdade.

— Foi só dessa vez. A Emma terminou com o Leo e ele queria que ela voltasse.

— Então, lógico, ele pichou a casa dela. Eu amo o Leo como um filho, mas já está mais do que na hora dele crescer. E você também.

— Eu sou um adulto. Tenho 16 anos. Tenho um emprego.

— Eu tinha um filho e um emprego com 16 anos. E não era adulta.

Ela estacionou na frente do nosso edifício, que fica imprensado no fim da rua Pitt. Ficamos olhando os quatro andares de tijolo laranja e as varandas cultivando jardins de varais.

— Talvez seja melhor eu largar o curso de enfermagem e voltar a trabalhar durante o dia até você fazer 18 anos.

Eu tinha levado um ano inteiro para convencê-la a se inscrever no curso de enfermagem. Ela passou, e eu comecei a pagar metade do aluguel para que ela pudesse cortar turnos e trabalhar só à noite.

— Se você largar, vai ficar aí pra sempre — aponte para o crachá.

— E você, vai pra onde, Ed?

Não respondi.

— É isso que me preocupa.

Ela não largou o curso, mas eu sabia que ela ia largar se eu fosse pego de novo, então fiquei uma semana sem pintar muros. Mas eu só pensava em grafitar e na sexta eu já estava pintando de novo. Trabalhei dentro de um trailer velho, perto da pista de skate, para que ninguém me visse.

Contei para o Leo o que ela havia dito sobre a gente precisar crescer. Contei enquanto suávamos limpando a parede. A Emma passou por nós com uns amigos.

— Sem querer ofender a sua mãe, mas que se foda esse papo de crescer — disse ele, olhando para Emma, até ela sumir.



Leo e eu pulamos a cerca do pátio dos trens e atravessamos a última viela que leva à rua Pitt. As janelas do nosso edifício estão abertas, deixando passar calor, música e TV. Minha mãe e eu moramos aqui desde que eu tinha oito anos. Ela queria que eu tivesse um quarto só para mim e foi isso que deu para pagar.

Antes da Pitt, nós todos morávamos num quarto e sala. Minha avó acabou se mudando para um asilo depois que o vovô morreu e a gente teve que se virar sozinhos. O apartamento tinha carpete laranja e papel de parede com motivo floral, minha mãe olhou ao redor e disse:

— É feio, mas é maior que a média. Da feiura eu dou conta.

Não tínhamos dinheiro para comprar estantes, então mamãe usou duas escadas velhas que ela encontrou na rua. Colocou-as nas duas pontas da sala e encheu de coisas, como sua coleção de globos de neve

e discos de vinil, e a coleção de baleiros Pez que a minha avó tinha deixado para mim. Eu fiquei com o quarto. Para ajeitar um lugar para dormir, mamãe amarrou uma corda entre as escadas e improvisou uma cortina de seda. Em torno da janela da cozinha, ela colocou piscas e, juntos, colamos estrelas fluorescentes no meu teto. Quando as luzes se apagavam, eu não via as manchas no carpete nem as infiltrações nas paredes.

O primeiro poema que o Leo escreveu foi sobre a minha casa à noite. Nossa professora da quarta série do fundamental não o colocou no mural porque o Leo não o modificou como ela queria. Minha mãe emoldurou os versos dele e pendurou na sala sem mudar nada.

Estrelas moram dentro. Bonitas pra caralho.

Quando a gente se mudou para a Pitt, o apartamento era tão feio quanto o anterior, mas a minha mãe deu um jeito. Ela já ganhava dinheiro suficiente para estantes de verdade e não precisávamos mais da cortina de seda no meio da sala. Minha mãe comprou um abajur de pé, com uma haste comprida e uma cúpula vermelha, só porque eu havia gostado. No meu quarto, tinha uma cama a mais, para o Leo.

— Então, o que você achou? — minha mãe perguntou no dia em que nos mudamos.

— Já me sinto em casa — respondi. Naquela época, o apê não parecia tão cinzento e minúsculo.



Acendo a luz e Leo vai procurar comida na geladeira. Está vazia. Giro o botão do ar-condicionado. Nada acontece. Soco ele. Leo mais ainda. Quase o arranca da parede, mas nem apanhando ele funciona.

— Não é normal fazer tanto calor assim em outubro — digo, em pé na frente da geladeira aberta.

— Até você? Minha avó vive reclamando do clima de Melbourne o dia todo. Já falei pra ela: “Você mora na Austrália, vó, aqui é assim.”

— E o que ela disse?

— Mandou eu limpar o galpão.

— Foi o que eu pensei. — Leo é um dos caras mais cascudos da redondeza, mas a avó dele é casca grossíssima.

— Sua mãe tá no trabalho?

— Não. Tá de folga hoje. Foi num evento lá no cassino chamado “Noite da Magia”. Pra lerem a sorte dela. Vai varar a noite, disseram que a “magia” só rola no raiar do dia.

Ele ri.

— Fala sério!

Fecho a geladeira e olho o Leo encostado no banco; suas pernas quase alcançam o outro lado da cozinha. Este apartamento parece estar encolhendo, mas não é o tamanho que me incomoda. É o cinza que foi tomando as paredes com os anos. São as manchas no carpete, de alguma outra vida que veio e partiu antes de nós. Quando eu completei um mês na loja, Bert disse que me faria um bom desconto nas tintas. Minha mãe teria se dado bem, se eu tivesse falado com ela, mas eu sabia que era perda de tempo. Alguns lugares precisam ser incendiados e refeitos para que brilhem.

— Então, terminei o ensino médio hoje — conta Leo. — Tá a fim de sair, comer alguma coisa no Feast, encontrar umas gatas?

— Quinze dólares. É tudo que eu tenho.

O olhar dele me atravessa, para no calendário e no círculo em torno do dia do aluguel.

— Não conseguiu outro emprego ainda?

— Nada. As pessoas nem retornam os meus telefonemas.

— Vou ajudar o Jake de manhã, se você quiser ir também... Podemos tirar quinhentos paus cada um por duas horas de trabalho, começando às três da madrugada. A gente só tem que pegar a van, encher com as coisas e sumir.

— Você é idiota? — perguntei.

— É o que o meu boletim diz.

— Nem brinca. Seu irmão roda direto. — Desde que ele tinha 15 anos e convenceu o cara de uma concessionária a liberar um Jaguar para ele fazer um test-drive. Jake é ainda mais alto que o Leo, então o cara nem desconfiou que a carteira de motorista era falsa. Além disso, o Jake fala de um jeito que convence as pessoas.

Em vez de dirigir o Jaguar num lugar onde ninguém o conhecesse, ficou rodando no quarteirão perto de casa, com a música no máximo. A avó arrancou ele do carro pela orelha na frente de todo mundo da rua.

Leo se estica e bate no ar-condicionado de novo.

— Tô devendo dinheiro.

Ele parece preocupado, o que me deixa preocupado. Leo é do tipo que não afina pra ninguém. Então só pode ser uma pessoa.

— Não me diga que você tá devendo dinheiro pro Malcolm Pombo.

Leo olha lá para fora, pela janela.

— Porra, Leo! Porra! Esse cara é doido.

— Defina doido.

— O cara comeu barata pra provar que é sinistro — respondo.

Leo encolhe os ombros.

— Tudo bem, é doido então. Mais uma razão pra devolver o dinheiro dele.

Procuro um saco de batata frita no fundo do armário e penso na gravidade da situação. Malcolm tem mais ou menos a mesma idade do Jake, mas eles não são amigos. Malcolm não tem amigos. Tem um grupo de bandidinhos lhe puxando o saco e prestando favores.

— Por que você precisava tanto assim de quinhentos dólares? — pergunto. — Você não corta grama todo sábado?

— É, mas a maioria das velhas paga em comida. E a minha avó precisava de umas coisas. — Ele batuca na bancada. — O Malcolm vai me encontrar hoje à noite. O pagamento está atrasado dois meses.

Pelo bem do Leo, tento não parecer preocupado.

— Veja bem, só preciso despistar o Malcolm até as três e aí já vou ter o dinheiro.

— Você não pode pedir um adiantamento pro Jake?

— Não quero que ele fique sabendo que eu devo dinheiro ao Malcolm.

— Ele anda rondando a sua casa?

— Não, mas imagino que ele vai fazer uma visitinha pra minha vó se não receber o dinheiro hoje. O Dylan disse que me ajuda. Um servicinho e todos começamos o mês quites. A gente tem que cometer pelo menos um delito sério pra polícia ter um motivo real pra botar a gente em cana.

— Que futuro brilhante a gente tem pela frente. — Penso na minha mãe fazendo contas madrugada adentro, consultando videntes e sonhando com finais felizes.

— Meu filho precisa de um emprego — justificou-se o novo dono da loja de tintas quando me demitiu, seis semanas atrás. — Não é nada pessoal. — Engraçado. Nosso senhorio está levando nosso atraso bem para o pessoal.

Dylan liga para o Leo e, enquanto eles conversam, folheio o bloquinho de desenhos do Bert que a Valerie me deu no enterro.

— Você é a esposa. Fique com ele — recusei. Ela ficou com o bloquinho estendido no espaço entre nós dois até eu o pegar.

Na nossa hora de almoço na loja, o Bert se sentava e ficava conversando e fazendo esses desenhos. Cada um numa página diferente, mas praticamente igual ao anterior. Suas mãos velhas se moviam enquanto falava e, no fim do almoço, ele sempre havia terminado uma série nova. Eu folheava rápido as páginas e as figuras se mexiam feito desenho animado.

Examino um desenho que o Bert fez de mim enquanto eu esperava o Leo. Nele, estou comendo um sanduíche e falando com o Bert. E as nuvens passam sobre a minha cabeça, para a frente e para trás.

Leo desliga o telefone e anota alguma coisa. Nunca consegui que a minha letra fosse como a dele. Nos domingos depois do futebol, na

quinta série, ele pegava a minha mão e a guiava pelo papel. Eu ficava tão irritado que quebrava o lápis. Leo ria e pegava outro.

— Minha letra deveria ser melhor do que a sua — dizia eu. — Você mal consegue desenhar. — Ele dava de ombros. Cada um tem o que merece.

— Falei pro Dylan que a gente vai encontrar com ele na escola, a caminho do Feast. Vamos comer alguma coisa e ficar juntos até dar a hora — avisa Leo. — E então?

Então. Quero voltar ao tempo em que eu tinha dinheiro suficiente para pagar o aluguel sem precisar roubar. Quero voltar ao tempo em que o Bert estava vivo e me dizia para pensar por mim mesmo. Quero avançar para um tempo em que a minha mãe é enfermeira e ganha bem. — Eu topo — respondo, e fecho o bloco num desenho em que estou sentado ao lado do Bert, almoçando e conversando sob nuvens que passam.



A escola fica apenas a algumas ruas da minha casa, na direção oposta ao pátio dos trens. Odeio o fato de que ela fica tão perto, porque não dá para evitar os garotos de uniforme.

Um dia, fiz um esboço da escola enquanto estava sentado com o Bert. Prédios cercados de arame farpado com um menino preso nele. Ele deu uma olhada por cima do meu ombro.

— Está tentando entrar ou sair? — perguntou Bert. Eu não sabia ao certo.

Dylan está nos esperando, sentado em frente a um muro que anuncia *Dylan ama Daisy* em grandes letras vermelhas. Leo olha aquilo por um tempo.

— Vamos roubar este lugar e você assina o nome no muro? Lembrou de deixar a janela do departamento de artes aberta de tarde?

— Claro que lembrei.

— Roubar o departamento de artes? É muita maldade! — exclamo.

— É onde ficam os melhores computadores. Mas que que te importa, também? Você foi expulso — devolve Dylan.

— Cala a boca — diz Leo. — O Ed saiu porque quis.

E eles começam a discutir se um grafite serviria de prova num tribunal. O Dylan diz que não tem nada que o ligue ao grafite, nem mesmo tinta ele tem nas mãos.

— Botei luvas de borracha. — Aponta para o par rosa perto de onde está sentado. — Essa tinta é tóxica.

— Que tal a gente não produzir nada hoje de noite que de alguma forma possa fazer as pessoas se lembrarem de nós? — sugere Leo.

Reparo que ele está suando e imagino um grafite. Um cara de costas para o muro cheio de cifrões que está prestes a lhe tirar a vida. A polícia não vai querer saber por que eu, o Leo e o Dylan precisamos de dinheiro. Só o que importa é que estamos enchendo uma van com coisas que não são nossas.

Enquanto o Leo e o Dylan discutem, eu pinto com spray tudo quanto é canto do muro, para que não haja nada que mostre que, algum dia, estive aqui, e, enquanto faço isso, uma sirene dispara não muito longe.

— Estou com um mau pressentimento — conto aos dois, mas minha voz se perde na confusão da cidade.